

## CRIATIVIDADE E RESISTÊNCIAS QUOTIDIANAS: OS VIDROS RE- UTILIZADOS PELOS ESCRAVOS DA CHARQUEADA SÃO JOÃO DE PELOTAS (RS).

LINO JOSÉ ZABALA RUÍZ<sup>1</sup>  
LÚCIO MENEZES FERREIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – [linojzabala@gmail.com](mailto:linojzabala@gmail.com)*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – [luciomenezes@uol.com.br](mailto:luciomenezes@uol.com.br)*

### 1. INTRODUÇÃO

A vida quotidiana nas Charqueadas de Pelotas, em Rio Grande do Sul, como espaços de produção do charque, usado como alimento dos escravos de todo Brasil durante o seu auge (VARGAS 2014), tem sido de grande interesse nos últimos anos nos estudos do passado da cidade, por de pesquisadores que tem se focado especificamente no desenvolvimento do sistema escravista (FERREIRA, 2012; ROSA, 2012), por meio da metodológica de estudo em Arqueologia da escravidão, e da abordagem teórica da Arqueologia Histórica, (DEAGAN 1987). A produção de Charque fez de Pelotas um grande centro escravista, e nesse sentido este trabalho visa estudar algumas características da vida dos escravos na Charqueada São João, fazendo ênfase especificamente nas suas criatividades e habilidades manuais (SOUZA, 2012), como parte da nossa participação no projeto “O Pampa Negro”, e no Laboratório de Estudos Interdisciplinares de Cultura Material- UFPeL.

Concretamente estudaremos as estratégias de resistência quotidiana que consistem em registros materiais, que permitem observar uma imagem dos escravos diferente á de pessoas com grilhetas, (FERREIRA 2012, SYMANSKI 2014, FENNEL 2013) dando foco nas capacidades de invenção e tradição dos escravos em resposta ás hostis condições da escravidão. Dentre os variados restos materiais escavados na Charqueada São João, tem artefatos feitos à mão, com decorações africanas, outros utilizados em rituais, fragmentos de ossos pertencentes a animais silvestres e por fim, nosso objeto de estudo: dois fragmentos de vidros que mostram reutilização (lascamento) possivelmente utilizados como ferramentas para cortar carne. Estes vidros nos permitem inferir que os escravos caçavam para complementar sua alimentação.

Tais interpretações contribuem no debate que questiona a visão dos escravos como sujeitos estáticos, sobre os quais os donos das *plantations* tinham controle absoluto (ORSER e FUNARI 2001). Nós destacamos que “nenhum poder é completamente hegemônico, sobrepondo-se integralmente à vida dos grupos subalternos” (GUHA 1997 em FERREIRA 2012). Focaremos então em mostrar a utilização destes artefatos, dentro de um contexto de resistência quotidiana, por meio de análises arqueológicas de laboratório, bibliográfica e experimental.

## 2. METODOLOGIA

A primeira fase da metodologia tem consistido na revisão bibliográfica. Já alguns trabalhos têm abordado o tema: Symanski e Osório (1996) fazem uma descrição de artefatos de louça e copos de vidro reutilizados em Porto Alegre. Eles explicam que as facas eram de uso exclusivo na produção de Charque, e seu uso era vigiado, para evitar que eles usaram como armas, isto significa que os escravos teriam criado suas próprias ferramentas de corte para caçar (SYMANSKI 1996). Enquanto na Argentina existe um estudo amplo sobre reutilização de garrafas de vidros em contextos indígenas pós-coloniais no Pampa, (TRABA, 2012).

O seguinte passo é articular estas informações com a análise de laboratório. Os 2 fragmentos de vidros lascados achados na Charqueada São João foram inicialmente catalogados, e registrados por classe, tipologia, morfologia, função, cor, selos de fabricação, entre outras características visíveis. Nessa etapa são identificados e são separados aqueles fragmentos que apresentem uma quebra incomum ou outras mostras de manipulação. Para esta identificação também se realiza uma análise comparativa com estudos feitos sobre lítico (PROUS, 2004). Sendo identificados 8 possíveis reutilizações.

Seguidamente esses fragmentos são analisados no microscópio, sendo usada uma lupa IS300, 3.0MP, podendo observar outras características, como; marcas de microlascamento, que são quebras minúsculas ao redor do fio ou gume, o que ocorre quando o fragmento é arrastado contra uma superfície resistente, como tecido ou coro, (PROUS, 2004) sendo que 5 fragmentos têm estas marcas.

O último passo foi observar as mostras de polimento, que consistiria numa superfície arredondada onde o objeto faz contato com a mão (SYMANSKI, 1996) sendo que dois fragmentos têm uma empunhadura na qual encaixa o dedo polegar, e apresentam microlascamentos, junto com o polimento que evita ferimentos nas mãos.

Por outro lado, os demais fragmentos não foram descartados totalmente, pois reuniram pelo menos duas das características aplicadas, é dizer que poderiam ter sido realizadas práticas até conseguir uma técnica de fabricação eficiente. Ou inclusive, podemos pensar no processo da “cadeia operativa” nos termos de Gourham (1964). De tal forma, realizaremos uma arqueologia experimental que nos ajude a entender as formas de produção do vidro lascado (JUNIOR, 2017)

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendemos que os vidros substituiriam as pedras lascadas tradicionais, que os escravos teriam usado nas suas regiões de origem (TRABA, 2012). Isto constituiria parte da cosmologia dos escravos, representada em ações sociais e mostras de resistência quotidiana, como alguns dos fenômenos relativos à diáspora africana. Características similares têm sido analisadas em todo Brasil e no resto da América (SYMANSKI 1996, FENNELL 2013): o que é chamado de “africanização das Américas” (FERREIRA 2012).

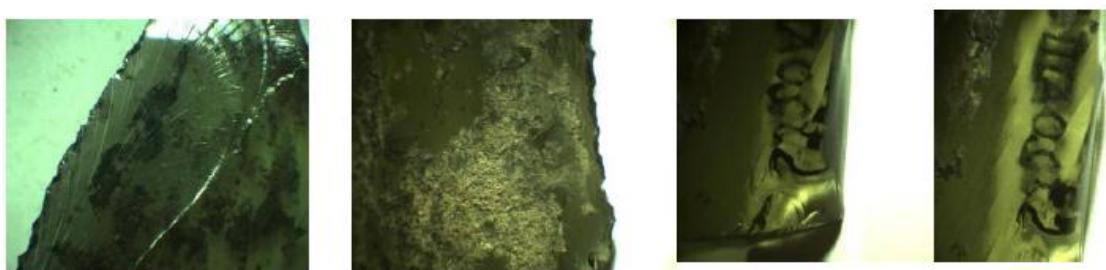
Nesse sentido o nosso principal resultado até agora é a identificação e comprovação da reutilização dos vidros, por meio da metodologia aplicada. Mas consideramos que o seguinte passo será nos relacionar com a comunidade negra de Pelotas, procurando entender a forma em que eles interpretem esses fragmentos, em relação aos escravos como pessoas hábeis e criativas.



**Peça SJ13al09** Usada como cortador lateral de pele ou ervas (PROUS, 2004)



**Peça SJ20all15 Usada como cortador vertical de carne (PROUS, 2004)**



## 4. CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho não é só mostrar as formas em que a escravidão favoreceu às elites regionais se articularem no sistema mundo, (principal foco dado até agora pelos estudos na área), mas também mostrar as distintas formas em que os grupos excluídos, como os escravos e seus descendentes, também tem se articulado nesse sistema, procurando re-affirmar sua persistência,

readaptando constantemente as suas formas de resistência, o que nós consideramos a africanização de Pelotas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEAGAN, K. Líneas de Investigación en Arqueología Histórica. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica**, (2):1, 63-93. 2008.
- FERREIRA, L. Arqueologia da escravidão e arqueologia pública: algumas interfaces. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica**, v (3): 1, 2-17. 2012.
- FENNELL, C. Identidade de grupo, criatividade individual e geração simbólica na diáspora Bakongo. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica**, (7): 2, 3-42. 2013.
- JUNIOR, E. S. **Objetos sobre vidros lascados em contextos de senzala na Amazônia oriental brasileira: uma proposta metodológica de macro e microanálise**. 2017. Dissertação, (Mestrado em Antropologia e Arqueologia), Programa de pós-graduação em antropologia e arqueologia, Universidade Federal do Pará.
- ORSER, C. E. & FUNARI P. P. Archaeology and slave resistance and rebellion. **World Archaeology**. (33) 61–72. (2001).
- PROUS, A. P. **Apuntes para análisis de industrias líticas**. Ortegalia. Fundación Federico Maciñeira. 2004.
- SYMANSKI, L. C. OSÓRIO S. R. Artefatos reciclados em sítios arqueológicos de Porto Alegre. **Revista de Arqueología**. (9) 47-54 1996.
- ROSA. E. J. **Paisagens negras: arqueologia da escravidão nas charqueadas de Pelotas-RS**. 2012. Dissertação, (Mestrado em Antropologia e Arqueologia), Programa de pós-graduação em antropologia e arqueologia, Universidade Federal de Pelotas.
- SOUZA, M. A. Por uma arqueologia da criatividade: Estratégias e significações da cultura material utilizada pelos escravos no Brasil. In C. Agostini (Ed.), **Objetos da Escravidão: Abordagens sobre a Cultura Material da Escravidão e seu Legado**. 2013. 11–36. Rio de Janeiro: Editora 7Letras.
- VARGAS, J. M. Abastecendo plantatios: a incisão do charque fabricado em Pelotas (RS) no comércio atlântico das carnes e a sua concorrência com os produtores platinos. **História** (33) 2, 540-566. 2014.
- TRABA, A. R. Materiales vítreos en la arqueología histórica argentina. Una introducción. In: **El vidrio en arqueología histórica, casos de estudio en Argentina**. TRABA, A. R. 2012. 11-24. Buenos Aires. Academia de Letras.
- LEROI-GOURHAN A., **Legeste et la parole. I: Tech-nique et language**. Paris: Albin Michal. 1964.